

As humanidades no núcleo da excelência académica e profissional

O Centro de Análise Estratégica (CAS), que presta serviço ao primeiro-ministro francês, tem a missão de ajudar o governo a definir e implementar as suas orientações estratégicas em matéria económica, social, ambiental ou tecnológica.

Um estudo recente deste organismo, elaborado por Jean-François Pradeau, professor de filosofia em Lyon, salienta a importância das humanidades, justamente quando o latim e o grego são marginalizados e abandonados por uma grande maioria de estudantes e famílias. Mas bastantes experiências testemunham a “necessidade social” das humanidades clássicas. O documento é breve, preciso e incisivo – 22 páginas em formato pdf –, como se adequa a bons humanistas.

Também interessa para a eficácia empresarial

O documento de trabalho do CAS situa as humanidades no “núcleo da excelência académica e profissional”, apesar do facto das línguas clássicas e da Antiguidade greco-latina só serem estudadas por um em cada vinte alunos do ensino pós-secundário. Não obstante, a realidade é que as sociedades europeias continuam a sentir-se herdeiras da Antiguidade greco-romana. Por outro lado, não faltam empresas que ganharam consciência sobre a destacada capacidade de jovens profissionais formados no rigor literário e linguístico dos saberes clássicos: porque são cultos e metódicos, adaptam-se melhor a determinados trabalhos cada vez mais em mutação.

Uma análise recente do departamento de Estudos Clássicos, da Universidade de Oxford, diz que “os empregadores apreciam como os estudos clássicos favorecem um desenvolvimento intelectual pluridisciplinar e possibilitam uma grande flexibilidade da mente. Numa época de rápidas transformações sociais e económicas, a capacidade de reagir e adaptar-se às mudanças menos perceptíveis, faz dos estudantes de estudos clássicos, os licenciados mais

necessários às empresas: pessoas licenciadas com capacidade de adaptação e de aprendizagem sem igual”.

De facto, os centros educativos que fomentaram a opção pelas humanidades, veem reconhecido hoje o seu carácter de excelência através de colaborações originais entre empresas e universidades. Nessa linha se inscreve o êxito – descrito no relatório do CAS - da “operação Fénix”, lançada em 2006 por Serge Villepelet, presidente da PwC França: vinculou universidades e empresas para proporcionar todos os anos cargos executivos a estudantes de mestrado em letras e ciências humanas, sem prévia formação financeira ou de gestão. A operação foi um sucesso e 165 mestres deste tipo foram contratados pelas empresas que participam nesta iniciativa.

Por outro lado, num mundo em que prevalecem os serviços e a informação, com muito tempo de leitura diária diante do ecrã do computador, as empresas estão conscientes da importância da língua: portanto, a formação em letras torna-se indispensável.

O fundamento profundo dos saberes clássicos

O documento de trabalho do CAS sugere algumas pistas para dar a conhecer e desenvolver a inserção da cultura clássica na formação. Trata-se de mostrar como as humanidades potenciam a aprendizagem escolar das línguas europeias, como continuam a ser a raiz da cultura nacional e europeia e, por último, como são valiosíssimas para a formação rigorosa de jovens chamados a desempenhar as mais variadas profissões.

O autor principal do relatório recorda que as humanidades não são, em si, um conhecimento literário; nem sequer um saber específico: são antes de tudo um quadro, uma atitude de fundo, que afeta o modo como percebemos a realidade a cada momento. Na sua opinião, necessitaríamos hoje de algo semelhante ao Renascimento, que regressou à literatura e à filosofia antigas para criar uma nova modernidade sobre o substrato do medievo.

Para haver humanidades, é preciso que a relação com a Antiguidade tenha interesse intelectual e moral para o homem de hoje. E, independentemente dos números sobre o ensino de latim e grego nos liceus franceses, tem-no. Conhecer o grego, o latim, a história ou a filosofia antigas ajuda-nos a ser o que queremos ser agora.

Talvez por tudo isto, multiplicam-se filmes e séries de televisão sobre temas da Antiguidade: procuram-se “respostas e modelos, modos de vida, virtudes, vida de cidadania, comportamentos heroicos”. E recorre-se à Antiguidade, “porque se sabe que aí iremos encontrá-los”.

Latim ou grego como segunda língua

Segundo reconhece o relatório, com dados oficiais, os poderes públicos não favoreceram as disciplinas clássicas nos últimos anos: “considerado ‘elitista’ e ‘fora de moda’, o ensino das línguas antigas sofreu com relativa agressividade o impacto da ‘democratização’ do segundo grau e das políticas de ‘modernização’ sucessivas. Considerado ‘desnecessariamente dispendioso’, viu-se muito afetado pelas políticas de ‘racionalização’ da oferta educativa”. A consequência é que, nas escolas e liceus, “o latim vê-se reduzido ao estatuto de cadeira opcional”. Não recebe o tratamento de disciplina fundamental, nem sequer no ensino pós-secundário de letras.

Uma possível opção, como a da Alemanha, seria permitir que nas escolas e liceus se pudesse escolher latim ou grego como segunda língua, não apenas na opção de letras. De facto, em França, embora pareça paradoxal, 65% dos alunos do ensino pós-secundário que escolhem hoje latim são de ciências (contra 17% de letras).

(com autorização de www.acepresa.pt)

As humanidades, um motor para a economia e a sociedade

Os estudos de humanidades e de ciências sociais (artes liberais nos EUA) constituem uma vigorosa ajuda para criar um debate público mais qualificado, uma força de trabalho mais criativa e um país mais seguro. Isto é o que afirma a American Academy of Art and Sciences num recente relatório “The Heart of the Matter – The Humanities and Social Sciences for a vibrant, competitive, and secure nation”.

Um plano de estudos que inclua as humanidades e as ciências sociais, juntamente com as ciências naturais, favorece o

pensamento integrador, a criatividade e o desenvolvimento, diz a citada Academia. As humanidades e as ciências sociais não são elitistas, vão para lá do imediato e são fundamentais para a busca do sentido da vida, da liberdade e da felicidade. Universidades públicas e privadas dos Estados Unidos, que se contam entre as melhores do mundo, oferecem diversos estudos de artes liberais.

Útil para toda a vida

No início do século XXI, salienta o relatório, estamos a viver um paradoxo. Reconhece-se amplamente que, cada vez mais, os norte-americanos necessitam de uma educação superior de qualidade. No entanto, as ajudas à educação superior têm vindo a diminuir de modo constante. Este inconveniente levou a questionar a utilidade das artes liberais, com o argumento de que não contribuem visivelmente para o emprego a curto prazo.

Todavia, esta desconfiança perde de vista uma aprendizagem, que se adquire ao estudar artes liberais, útil para toda a vida. Jill Tiefenthaler, presidente da Universidade do Colorado, afirmou nesta universidade, durante o discurso de inauguração do ano letivo 2012-2013, que o ensino de humanidades “fomenta qualidades valiosas: A capacidade para recuperar dos reveses e lidar com o *stress*. A perseverança e a paixão pelas metas que são desafios. A tendência para ter uma responsabilidade disposta a atrasar a recompensa. A criatividade, ou a vontade de romper com o convencional, para chegar a novas ideias. A capacidade de se concentrar numa coisa, superando as distrações. A consciência de focalizar as coisas para o que são as metas mais importantes”.

Em momentos nos quais a ansiedade económica impulsiona o público para uma educação centrada nos resultados de curto prazo, é importante que as escolas e as universidades se convençam do valor da educação dos estudos humanísticos. O público tem de saber que a capacidade de se adaptar e prosperar, num mundo em constante mudança, não se baseia apenas na instrução nos trabalhos atuais, mas no desenvolvimento de qualidades úteis para novos cenários laborais. “A única forma de poderem preparar-se para o futuro, em trabalhos que ainda não existem, é o desenvolvimento de mentes ágeis, que conheçam diferentes culturas e ideias e tenham capacidade para falar e escrever; qualidades que são desenvolvidas pelas artes liberais”, segundo observa Jill Tiefenthaler.

Menos humanidades, inovação em perigo

A necessidade atual das ciências humanas e sociais é urgente. Os pais já não as leem aos seus filhos tanto como

antes. Os professores de humanidades das escolas têm menor formação que os de outras cadeiras. O financiamento para estudar noutros países baixou 41% em quatro anos. Tudo isto terá consequências sérias no modelo de formação norte-americano, segundo o relatório antes citado, pois as ciências sociais constituem um estímulo à inovação e favorecem a coesão social. Para melhorar estas carências, a investigação propõe três metas.

1. Ajudar a construir uma democracia do século XXI. As humanidades e as ciências sociais proporcionam um quadro intelectual e um contexto para prosperar num mundo em mutação. Para isto, é necessário apoiar a alfabetização. O país depende de uma população totalmente alfabetizada, com capacidades de leitura, escrita, e conversação, que proporcionem competências para toda a vida. Investir numa educação humanística permitirá aos cidadãos participar melhor na sociedade democrática como votantes, consumidores informados e trabalhadores produtivos. Convém também aumentar o acesso aos recursos na rede, incluindo os materiais de ensino, garantindo a sua qualidade e acessibilidade para todos os estudantes.

2. Fomentar uma sociedade inovadora e competitiva. Para este objetivo, sugere-se aumentar o investimento na investigação. Por outro lado, os professores devem começar a mudar a tendência de uma formação excessivamente especializada, para uma que seja mais completa. Criar um corpo de professores de artes liberais pode ajudar a enriquecer o ensino em todos os níveis.

3. Educar para a liderança num mundo globalizado. Participar numa economia global exige a compreensão de diversas culturas e diferentes pontos de vista. Os meios para o conseguir que se propõem são: promover a aprendizagem de idiomas; ampliar o ensino de assuntos internacionais; fomentar programas de estudo no estrangeiro; desenvolver uma cultura que seja solidária: alguns adultos interessados poderiam colaborar com escolas, centros comunitários e outras organizações para transmitir conhecimentos humanísticos e científicos sociais.

Humanidades, empresas e novas tecnologias

A um conjunto de empresários que foram inquiridos para um relatório "It takes more than a major: employer priorities for college learning and student success" da Association of American Colleges and Universities, foi dada a seguinte definição das artes liberais: "Esta abordagem da educação universitária proporciona um amplo conhecimento em várias áreas de estudo e o conhecimento de qualificações específicas num campo de interesse. Também ajuda os estudantes a

desenvolver um sentido de responsabilidade social, assim como intelectual, juntamente com aptidões práticas tipo a comunicação, a análise, a resolução de problemas, e uma capacidade demonstrada para aplicar conhecimentos e competências em contextos do mundo real". Os empresários avaliaram a educação liberal de acordo com estas percentagens: muito importante, 51%; bastante importante, 43%; pouco importante, 6%. Também foi perguntado aos empresários se aconselhariam a um filho ou a um jovem este tipo de ensino. As respostas foram: sim, 74%; depende, 19%; não, 7%.

Os líderes empresariais de hoje estão procurando uma diversidade de aptidões, e não apenas conhecimentos técnicos. Não basta para os serviços financeiros ser capaz de trabalhar com uma folha de cálculo. É necessário convencer os clientes, individuais ou institucionais, para que se tomem as medidas adequadas. As competências que advêm das humanidades, como a melhoria na escuta, a empatia, ou a valorização do contexto da gestão, são muito importantes. Um exemplo da relação das Artes Liberais com a empresa, em Espanha, é o "Instituto Empresa y Humanismo" que, com uma **abordagem interdisciplinar**, se propõe através da investigação e da docência, contribuir para solucionar os problemas levantados pela crescente complexidade da sociedade, de modo especial – embora não exclusivo – os relacionados com a maneira de integrar a empresa e a atividade económica na sociedade civil.

A tecnologia da informação tem e terá um efeito transformador no ensino. As ciências sociais e as humanidades devem aproveitar a oportunidade de chegar a novos públicos. Os atuais cursos na rede, estão a demonstrar o interesse pela aprendizagem humanística. Estamos nas vésperas de uma nova era do ensino e da aprendizagem, cujas dimensões apenas podemos começar a imaginar. O futuro continuará a necessitar das capacidades humanas que promovem as artes liberais, e talvez precise delas mais do que nunca, afirma a American Academy of Art and Sciences.

J. I. M.